

RODRIGUES, Bianca Bazzo. Quebradeiras de corpo, quebras da dança, poéticas de crenças. Natal: Universidade Federal do Rio Grande do Norte; Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas; Professor Orientador Karenine de Oliveira Porpino. Bailarina.

RESUMO

O trabalho tem como fonte de investigação o universo cultural das benzedeadas e benzedores do Rio Grande do Norte. A investigação alia um estudo de campo, de cunho etnográfico, a partir da vivência *in loco* nesses espaços impregnados de saberes diversos, de construções simbólicas, de cultura de mito, rito, fé e reza no contexto social e cultural ao qual estão inseridos. Acreditamos que todo esse manancial de pedaços de vida, no contexto popular brasileiro, constituem possibilidades de referência estética e poética para a cena, nos desdobramentos de processos de criações em dança. Busca-se assim, por meio desse manancial de repertório para o artista-pesquisador uma produção cênica que utiliza desses “terrenos férteis” do campo popular que serão relidos e ressignificados nos processos de criação artística, considerando o diálogo com o outro e o encontro de si como possíveis campos de relações humanas mais porosas e dilatadas. Acreditamos que o trabalho poético e simbólico nesses espaços constitui território de formação cultural e social, geradora de uma (re)afirmação de valores e poder criativo desses espaços enquanto arte ressignificadora de nossa contemporaneidade, aqui por meio da criação em dança.

Palavras-chave: Criação Cênica. Benzedeadas/Benedores. Cultura Popular. Dança.

ABSTRACT

The work makes a investigation of the cultural universe of “benzedeadas” and “benzedores” of Rio Grande do Norte. It’s combines a field study from ethnographic, living in these spaces impregnated with different knowledge, symbolic building, culture of myth, ritual, prayer and faith in their social and culture context. Belives that all this pieces of life in the brazilian popular context are poetic and esthetic reference to the scene for the process of dance creations. In that way we search, through this wealth of repertoire for the artist-researcher who uses a theatrical production of “fertile ground” of popular field that will be reread and re-signified in the processes of artistic creation, considering the dialogue with others and meeting themselves as possible fields of human relations more porous and dilated. We believe that the poetic and symbolic work in these spaces is the territory of cultural and social training, which generates a (re) affirmation of values and creative power of art spaces while new meaning for our times, through the creation of dance here.

Keywords: Scenic Creation. Benzedeadas/Benedores. Popular Culture. Dance.

Fonte que inspira

Nosso universo de reflexão e criação artística percorre as vidas e cotidianos das benzedeadas e benzedores do Rio Grande do Norte, figuras presentes em nosso contexto contemporâneo, encontradas tanto no âmbito rural quanto no urbano. Suas práticas de benzimento, rezas e quebrações tanto são herdadas de seus familiares, repassadas por amigos e parentes, ou mesmo nasceram da vontade de curar aquele ao lado que precisava de ajuda.

Com a utilização de objetos simbólicos, como o terço, os ramos de folhas, a tesoura e principalmente a oração particular a cada benzedeadada e benzedor, ou a cada doença que acomete o doente, formam assim, o conjunto desses ritos de cura. De uma relação indispensável entre aquele que benze, aquele que vai ser benzido e acreditando nesses poderes de reza e na sociedade que os reconhece, arma-se um tripé de dependência entre o doente, a comunidade e o benzedor, para a realização dessas práticas.

Segundo os estudos de Lévi-Strauss sobre a eficácia dos símbolos, em seu livro *Antropologia estrutural* (1967), o antropólogo apresenta que é necessário, para o funcionamento simbólico, esse espaço triangular, ou seja, as relações entre o doente, o feiticeiro e a comunidade. Também, vemos relação com as atuações das benzedeadas e benzedores. Pois é preciso confiança e fé nas rezas e práticas simbólicas dos mesmos, e o reconhecimento da comunidade para com esses benzedores. Sem esse reconhecimento não poderíamos vislumbrar essas figuras, presentes e atuantes na comunidade na qual se inserem.

Na fala de Dona Segunda, benzedeadada de Tibau do Sul (RN), só tem valia a oração aquele que tem fé: “Eu não curo, eu rezo, quem cura é Deus!”. Falas carregadas de presença, falas carregadas de vivência, mulheres e homens que fizeram no decorrer de suas vidas o ofício de ajudar ao outro, sem pedir nada em troca, apenas a gratificação de ver suas orações serem socorridas.

Nesse estudo me aproximo das discussões levantadas pela pesquisadora Maria da Conceição Almeida, em seu livro *Complexidade, saberes científicos, saberes da tradição* (2010). A autora apresenta as manifestações da tradição como campo carregado de saberes diversos, onde devemos caminhar para algo mais transversal, onde os saberes dispersos sejam reagrupados e assim, nos apresentem formas de viver nas relações de alteridade e diálogo entre os múltiplos territórios sociais. Almeida (2010) nos mostra a possibilidade de descortinarmos os saberes científicos e dialogarmos com os saberes da tradição, num processo de complementaridade e singularidade possíveis entre esses saberes.

Trazemos também aqui para dialogarmos com o trabalho, as questões da artista Ostrower (1987), nas quais ela nos mostra as relações entre cultura e memória nos processos de criação. Para a autora, o ato de criação envolve tanto um herança biológica (consciência e sensibilidade) quanto o desenvolvimento social do homem, ou seja, a cultura. A autora apresenta também a memória como propulsora no ato de criar. Sobre isso, a memória nos traz as linguagens simbólicas que nos dão uma carga de vivência do nosso

capital cultural. Cultura e memória influenciam assim, a individualidade e a sensibilidade no ato de criação.

Entendemos o corpo como um constructo social e cultural derivado de um âmbito de ações e práticas ligadas ou feitas pela sociedade. E todas essas ações, práticas e comportamentos refletem diretamente em nossas ações corporais. O nosso corpo, lócus de identidade, transmite nossas vivências e informações influenciadas por essa cultura, de constantes trocas entre história, memória e sociedade, refletindo o nosso atuar na contemporaneidade.

Breton (2003) nos traz discussões acerca de uma antropologia do corpo, ele afirma que a sociedade, na visão de mundo que lhe compete, de sua cultura, delinea um saber singular sobre o corpo. Ou seja, todos os elementos constitutivos, suas atuações e fazeres dão sentido e valor a esse corpo. Traz-nos mais ainda, mas não procuraremos adentrar essa discussão nesse momento, do paradoxo moderno que se criou do corpo. Breton (2003) descreve de forma clara e instigante as questões de corpo da nossa sociedade ocidental, da busca do indivíduo, mas que ironicamente dissociou o eu do corpo. O que nas sociedades tradicionais esse dualismo cartesiano não existe, o corpo não se distingue da pessoa.

Vemos que através desse campo, poéticas possíveis para a criação artística, o estudo sensível do corpo, ambiente e vida das benzedeadas e benzedores (corpo carregado de história e marcas sociais), podemos encontrar possibilidade de um fazer artístico, repleto de conteúdo, forma, produtores e retentores de saberes do indivíduo brasileiro.

E por meio de todas essas pulsações poéticas integramos a memória do artista, pois acreditamos ser esse um diferencial para o trabalho em arte do artista-pesquisador que se reconhece em seu objeto de pesquisa. Como nos fala Inacyra Falcão dos Santos: “com a troca de fora pra dentro de dentro pra fora. Descobrir pelo movimento corporal ao outro e a si sem dicotomia” (SANTOS, 1996, p. 31).

A escolha desse campo de pesquisa adentrou as minhas memórias de infância, do contato com essas “quebranças”, do fogão de lenha da minha avó, também benzedeadas, carregada de reza, fé e rituais. Do cheiro de carvão queimado na cozinha, da faca quente que em gestos simbólicos era pedida a oração: “*Corta... língua*” — tão comum nas minhas estripulias infantis. Assim, por meio dessas memórias que fazem parte do meu imaginário cultural e corporal, e da vivência presente com outras benzedeadas e benzedores, remodelar esses campos por minhas atuações artísticas no complexo sistema de nossa contemporaneidade.

Tais práticas de benzimento são atos de fé, e o meu papel de artista-pesquisadora nesses espaços é absorver força dramática, valores, rito e sua reinterpretação estética no fazer artístico no âmbito da criação cênica em dança. Os valores sincréticos nesse momento, apesar de apropriados e ressignificados, ganham uma nova tonalidade e textura no meu entendimento

artístico contemporâneo. Meu papel como artista-questionador e propulsor de olhares diversos sobre inspirações diversas que toma meus processos de criação. Questionar sobre nossa identidade, sobre nossos fazeres e atuares, sobre nossos meios de comunicação e nossos “caixas-sistemas” que nos rotulam. Aqui por meio da imersão no campo popular, de memórias esquecidas e marginalizadas.

Tomamos parte do pensamento de Inaicyr Falcão dos Santos:

Meu objeto de investigação são as expressões artísticas que resgatam a tradição cultural, compreendida como expressão da diversidade corporal dos povos que vivem no Brasil e que têm colaborado para esse tecido social, complexo, colorido, belo e tão mal entendido (SANTOS, 2002, p. 35).

Uma produção artística que se reinventa nas expressões culturais embebidas por tradição, memória e vivência *in loco* do artista nesses espaços. E que lança movimentos poéticos para um mundo onde atropela as relações viscerais e corporais. Que dita regras e dispositivos já codificados, instauradores de conhecimentos científicos tidos como legítimos e verdadeiros das coisas, dos fenômenos e dos homens.

Das questões artísticas

O artista contemporâneo tem uma rede complexa, múltipla e inesgotável de inspiração artística, onde pode, a partir de cada qual em seus processos artísticos, reagrupar, reinventar e tecer de diferentes formas o objeto que o inspira e questionar a seu bel prazer tanto o que o instiga, quanto o meio como o outro dialoga com as obras artísticas, as obras sociais, políticas etc.

A problemática de investigação do trabalho questiona como as práticas da tradição do universo cultural das benzedoiras e benzedores vão se recolocar em nosso contexto contemporâneo no âmbito dos processos experimentais de criação coreográfica do artista da dança contemporânea. E como se darão as relações entre o campo estudado e a memória corporal e afetiva do artista como campo de investida nas questões de mundo, que será vislumbrado no objeto cênico produzido.

Como artista contemporâneo, vejo que é como lançar movimentos poéticos embebidos nas manifestações populares, as quais possuem uma carga de tradição, de práticas simbólicas, de ancestralidade, de crenças que permanecem e se modificam na contemporaneidade. Artista propositor que repensa as questões atuais e as transforma em movimento poético e instigante, onde essa alimentação estética possa se dar no sensível, no desafiador, no incômodo, mas que leve o espectador a cambiar as fronteiras do conhecimento, de transgredir as teorias, de indagar sobre o efeito das coisas.

De um ideal comunicativo do artista propositor sobre suas inquietações, tanto de corpo como de cultura artística no complexo sistema social, trazendo sempre a questão do inacabado, da suspensão das soluções, de

vislumbrarmos as possibilidades infindáveis de transformação e criação do corpo, não ao decalque e sim à dêixis que apenas indicam. Como o conto de Alice, de Lewis Carroll, que não nos diz o que é o onde, apenas indica. E Alice vive as surpresas e percalços desse caminho.

Podemos perceber no nosso atuar na contemporaneidade que transformações são inevitáveis na existência humana, e num mundo atual esses entrelaçares de *modus operandi* dão as cores dessa colcha social, dessa trama complexa, híbrida, rizomática. Estudar as formas tradicionais do campo popular brasileiro é vislumbrar as transformações e as permanências como processos atuantes e edificadores de presença. Aqui, edificadores não no sentido estático, de calcário, duro que a qualquer martelada de outro sistema se desmantela. Mas, ao *modus vivendi* não estático, atribuindo-se do corpo popular que se recria em seus dias de festa, o mesmo corpo que trabalha arduamente na rotina das lavouras e que se modifica-não modifica nos terreiros durante as festas.

Tem um eixo-estandarte de tônus muscular, mas que desequilibra numa malevolência, vai pra cima e para baixo, para um lado e para o outro. Dança e brinca com suas possibilidades corporais.

Nenhum grupo, por mais bem equipado que esteja, ou por mais que seja sua liberdade de escolha, é capaz de transferir de um local para outro, intactos, o eu estilo de vida e as crenças e valores que lhe são concomitantes. As condições dessa transposição, bem como as características do meio humano e material que a acolhe, restringem, inevitavelmente, a variedade e a força das transposições eficazes (PRINCE e MINTZ, 2003, p.19).

E é nesses vislumbres que edifico-não edifico minhas inquietações sobre o corpo, sobre o homem, sobre meu viver artístico no mundo contemporâneo. Numa brincadeira e nesse gingado que toma corpo essas discussões, onde permanências, resistências, lutas, mutações, amputações, perda, reconquista fazem parte desse imaginário cultural brasileiro. As rédeas aqui tomadas são resistentes, mas não rígidas e fixas, temos a liberdade de direcioná-las para outros cantos, para outros lados, por outro viés. Pois, “a cada fala a história contada se reconstrói” (ÁVILA, 2007, p. 26).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Maria da Conceição. **Complexidade, saberes científicos, saberes da tradição**. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2010.

ÁVILA, Carla. **Itinerâncias e inter-heranças: do Ritual do Congado da Zona da Mata Mineira, ao processo de criação da performance em dança contemporânea**. 2007. Dissertação (Mestrado em Artes) – Instituto de Artes, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo.

BRETON, David. **Antropologia do corpo e modernidade**. Petrópolis: Vozes, 2011.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Antropologia estrutural**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1967.

OSTROWER, Fayga. **Criatividade e processo de criação**. Petrópolis: Vozes, 1987.

PRINCE, Richard; MINTZ, Sidney. **O nascimento da cultura afro-americana:** uma perspectiva antropológica. Rio de Janeiro: Pallas, Universidade Cândido Mendes, 2003.

SANTOS, Inaicyrá Falcão. **Da Tradição Africana Brasileira a uma proposta Pluricultural de Dança-Arte-Educação.** 1996. Dissertação (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo.

_____. **Corpo e Ancestralidade:** uma proposta pluricultural de dança-arte-educação. Salvador: EDUFBA, 2002.